



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 5, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.39>

Recebido em: **13/08/2020**

Aprovado em: **18/08/2020**

A LITERATURA: POR UMA CULTURA ANTIESTUPRO; LA LITERATURA: PARA UNA CULTURA ANTI-VIOLACIÓN; THE LITERATURE: FOR AN ANTI RAPE CULTURE.

ANDRE LUIZ FERREIRA SANTANA

[0000-0002-7518-0443](https://orcid.org/0000-0002-7518-0443)

THAIS HAYANA DOS SANTOS ANDRADE

<https://orcid.org/0000-0001-5038-9219>

RESUMO

Este artigo discute a importância da cultura antiestupro na escola a partir da leitura do conto cujo título é Sofieri, do escritor brasileiro romântico Álvares de Azevedo. A história foi publicada no século XIX, no livro Noite na Taverna. O debate sobre as impressões de alunos e alunas referente às formas diretas e indiretas de violência contra o corpo da protagonista do conto demonstrou como o texto literário é um recurso de ensino importante no combate, no desenvolvimento do conceito e a importância da sororidade como forma de acolhimento e fortalecimento das estudantes durante o debate do textos, o diálogo entre os estudantes e as estudantes no combate à reificação ou coisificação do corpo feminino como reflexo ainda de valores machistas e patricarais.

Palavras-chave: Literatura, Educação, Gênero, Antiestupro, Sororidade.

Resumen

Este artículo analiza la importancia de la cultura anti-violación en la escuela a partir de la lectura del cuento que se titula Sofieri, del romántico escritor brasileño Álvares de Azevedo. La historia fue publicada en el siglo XIX, en el libro Noite na Taverna. El debate sobre las impresiones de estudiantes y alumnas sobre las formas directas e indirectas de violencia contra el cuerpo del protagonista de la historia demostró cómo el texto literario es un recurso didáctico importante en la lucha, en el desarrollo del concepto y la importancia de la hermandad como forma de acogida y fortalecimiento de los estudiantes durante el debate de los textos, diálogo entre estudiantes y estudiantes en el combate a la cosificación o re-objetivación del cuerpo femenino como reflejo de valores machistas y patriarcales.

Keywords: Literature, Education, Genre, Anti-rape, Sorority.

Summary

This article discusses the importance of the anti-rape culture at school from the reading of the short story whose title is Sofieri, by the romantic Brazilian writer Álvares de Azevedo. The story was published in the 19th century, in the book Noite na Taverna. The debate about the impressions of male and female students regarding the direct and indirect forms of violence against the body of the protagonist of the story demonstrated how the literary text is an important teaching resource in the fight, in the development of the concept and the importance of sorority as a way of welcoming and strengthening of students during the debate on the texts, dialogue between students and students in combating the reification or re-objectification of the female body as a reflection of macho and patriarchal values.

Palabras clave: Literatura, Educación, Género, Anti-violación, Hermandad de mujeres.

INTRODUÇÃO

Como os textos literários de grandes autores podem contribuir para uma cultura da paz, para uma educação da não violência? Como essa educação da não-violência contribui para uma cultura do não estupro, da não violência do corpo feminino? Este artigo resgata textos da tradição literária nacional, reinterpreta-os a partir do espaço de fala da mulher contemporânea. A partir disso, a pergunta principal é a seguinte: como identificar valores seculares que negaram à mulher o direito ao seu corpo.

A produção de Álvares de Azevedo é reduzida a um livro de poemas, *Lira dos Vinte Anos* (1853), peças de teatro *Conde Lopo* (1866), *Macário* (1855) e seu livro de contos *Noite na Taverna* (1855). Passagem obrigatório no ensino de literatura no Ensino Médio, presente em todos os livros didáticos, nas provas e Exame do Ensino Médio. No entanto, sua importância não se esgota nisso, segundo Italo Calvino,

“os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. (CALVINO, 2002, p.9).

Nesse sentido que se deve entender o quanto as narrativas de Álvares de Azevedo ainda têm muito a dizer, na representação de um inconsciente coletivo e como esse coletivo se reflete nas nossas vidas cotidianas, nas representações dos patriarcais, sexistas, que persistem até hoje e que vitimam milhões de mulheres ao estupro e ao feminicídio.

O Romantismo foi a estética da subjetividade humana, assumiu ser a anatomia dos sentimentos do homem. Buscou incorporar temas capazes de despertar as emoções dos mais frios ou indiferentes. Dentro da noção de arte e subjetividade, os românticos foram ao extremo e produziram uma arte que pendula entre o sublime e o grotesco, nesse último caso, a crítica classifica os contos de Azevedo dentro da herança gótica, voltada para a exposição do lado sombrio universal do ser humano, ou o inconsciente coletivo. Jung chama de inconsciente coletivo

[...] pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2002, p.14)

A construção do inconsciente coletivo tem relações históricas antigas que remontam a formação da humanidade no período pré-histórico, segundo Jung. Em 1975, Susan Brownmiller lançou a obra *Against our Will*, nela a autora reforça como a cultura do estupro tem um fator cultural significativo. Para Brownmiller

“A descoberta do homem de que sua genitália poderia servir de arma para gerar medo deve ser classificada como uma das descobertas mais importantes dos tempos pré-históricos, juntamente com o fogo e o machado de pedra bruta”. (1993, p. 14-15)

Pode-se inferir que a produção de Álvares de Azevedo tem elementos bastante significativos para uma possível releitura capaz de revelar modos de comportamento e constructos mentais carregados de violência contra a figura feminina e, a partir dessa identificação, promover uma cultura da não-violência em sala de aula. O conto *Solfieri* foi extraído do livro *Noite na Taverna*, do escritor

romântico Álvares de Azevedo e serve de base para a releitura proposta.

Noite na Taverna teve publicação em 1855, contos e a obra compõe a única coletânea de contos do jovem escritor. Segundo o prólogo da obra, cinco jovens rapazes se revezam a noite inteira para contar a história mais chocante ou macabra possível, a saber: Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann, Johann. Esses contos são nominados pelos seus narradores, em 1ª pessoa. Os cinco estão vivendo uma noite de orgia com prostitutas e bebidas em uma taverna. Decidem então contar história e cada um dos narradores se reveza na contação:

Agora ouvi-me, senhores! entre uma saúde e uma baforada de fumaça, quando as cabeças queimam e os cotovelos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carnicheiro no cepo gotejante, o que nos cabe e uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos—como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg! (AZEVEDO, 1988, p.03)

A narrativa é autobiográfica e se passa em Roma, em um tempo indefinido. No prólogo, Solfieri avistara na janela uma mulher branca e chorosa que decidira sair à noite, sozinha, pelas ruas romanas a vagar aparentemente. O conto cercado de mistério, de vozes e cantos estranhos. O narrador a seguir obstinadamente até o descampado e desmaia. No dia seguinte, o narrador acorda e constata que o local era um cemitério. Um ano mais tarde, o protagonista afirma sair de uma noite orgiaca com uma condessa e, bêbado, encontra-se no mesmo cemitério. Lá encontra uma defunta branca e virgem com a qual pratica uma relação sexual, a necrofilia.

Solfieri afirma que durante o ato a jovem acorda por estar em estado de catalepsia, estado de inconsciência passageira ou de quase morte. Ele decide levá-la para o quarto dela, na república dos estudantes. O único obstáculo seria o vigia do cemitério que o interpelou quanto a quem ele carregava, mas como a moça respirava, o estudante justificou que ela estava bêbada. A moça letárgica é retirada do cemitério, levada para o quarto dela na república. Ela manterá relações sexuais com a virgem até que finalmente ela morre. O quarto da república será seu túmulo definitivo sobre o qual Solfieri dormirá envolto de uma paixão platônica.

O prólogo do conto instiga as alunas de falar em sala de aula, elas relatam impressões a partir do espaço de fala feminino. O prólogo gera nas leitoras um outro sentido do senso de mistério e de terror. As alunas temem sair à noite com receio de serem atacadas e violentadas por um homem que as espreita na escuridão. Solfieri é visto pelas alunas como um estuprador em potencial por perseguir uma mulher que não conhece. Infere-se do prólogo que o narrador ocupa uma posição de ativo e a figura feminina é passiva pois ele não a consulta se se ela gostaria de ter a companhia dele ou não. Infere-se também que a figura feminina apresentada no prólogo estaria cometendo um erro: o de sair sozinha à noite, como se o erro estivesse nela, jamais em Solfieri.

A cultura vigente coloca a sexualidade do homem na esfera do impulso e o prólogo do conto faz essa representação. Os alunos geralmente não percebem essa relação de poder agressivo e maioria das alunas também, o falocentrismo, ou seja, a satisfação do homem está em primeiro lugar. Esse contrato social falocêntrico impede que enxerguemos as violências implícitas. Ao final do prólogo, a figura feminina repentinamente se desfaz e Solfieri desmaia elemento estético que compõem a atmosfera de fantasia do estilo romântico de mistério. Se isso não ocorresse, o escritor anteciparia o clímax do conto.

O desenvolvimento e clímax do conto, surge o elemento mórbido da tradição romântica: a noite, o cemitério, a morte, o cadáver. Representação instigante de uma virgem, uma jovem mulher possuídas pelo amante fervoroso. O ápice do aspecto grotesco da narrativa é a violação da sepultura e a posse sexual do cadáver. Na dimensão do inconsciente coletivo, a narrativa aponta para a construção de um homem ativo e a confirmação da anulação da vontade do elemento feminino, ou seja, a mulher não tem o que quer nem viva nem morta. A morte pode ser estendida como anulação do ego feminino e sua total subordinação aos padrões violentos da sexualidade masculina.

Na dimensão simbólica, o conto ensina ao rapaz que uma forma de contrariar os valores burgueses, uma forma anárquica de se opor à tradição moral cristã reside na sexualidade violenta, tóxica, no impulso de posse desmedido anulando a humanidade da figura feminina. Os alunos e alunas geralmente não percebem a violência contra elemento feminino pelo fato da narrativa referir-se a uma morta e, por estar fora inanimada, não sentir dor, está fora do contrato social, minimizam ou não enxergam a cultura do estupro.

No entanto, algumas alunas comentam que isso é um estupro. Entende-se que essas leitoras, são sempre as alunas que fazem essa observação, criam uma relação de empatia com a defunta do conto e passam a fantasiar a penetração não consentida. Essa catarse expurga um tipo de ódio contra Solfieri e compaixão pela virgem. No entanto, ao acordar, a violência prossegue e a identificação da cultura do estupro que revela diretamente. Pressupõe-se na narrativa que ela “sempre quer” e ela não tem condições físicas de reagir à violência que será submetida estando fraca e incapaz de se defender.

A expressão “cultura do estupro” causa polêmica e discordâncias. Criada nos anos de 1970, pela feminista norte americana Susan Brownmiller, o termo cultura é muito amplo e recai em interpretações que apontam para o sentido de que todo homem é um estuprador, como toda generalização pode levar a posturas punitivas intolerantes contra os homens e não contra os valores que permeiam o inconsciente coletivo. Pode-se, no entanto, afirmar que o conto pode ser usado como ferramenta para uma cultura do não-estupro, ou seja, a partir da reflexão do lugar de fala da mulher, os rapazes aprendem a identificar no inconsciente coletivos os constructos de violência em torno de sua masculinidade tóxica.

O professor guiou os alunos e alunas para discutir a alteridade que é, segundo Abbagnano, “ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO,1998, p. 35.). Elemento importante para combater qualquer forma de expressão de violência contra a mulher. A maior parte das alunas abstraem ainda o discurso de violência contra o corpo feminino, como também os alunos, que geralmente se mostram surpresos com as análises desenvolvidas a partir dos elementos simbólicos presentes nesse e em outros contos de Álvares de Azevedo e de seus contemporâneos românticos. Professor Antônio Cândido afirma,

[...] como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180)

e os alunos e alunas acessam os níveis simbólicos e as formas de como os constructor mentais destrutivos da inconsciência humana. Criar uma cultura antiestupro e salvar as vidas das mulheres e a dignidade dos homens. O professor é o fio condutor para essa nova leitura e interpretação dos textos literários sob a ótica de contribuir para uma cultura da paz, da não violência.

Com base no estudo literário do conto Solfiere, é possível observar uma relação estreita e empática entre as mulheres leitoras do conto e a personagem que está numa situação fragilizada, em estado cataléptico e submetida aos prazeres de um homem que se aproveita de sua fragilidade para fins subversivos. A partir do momento que estas características são identificadas no texto pelas leitoras mulheres começam a surgir sentimentos de proteção e justiça causados pela identificação com a personagem mais fragilizada, visto que, durante séculos as mulheres são submetidas aos abusos de uma sociedade falocrática em que a mesma é usada sexualmente, humilhada, silenciada, possuída e por fim, morta, assim como no conto.

Segundo (Ribeiro, 2017), de modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem. Ao entrar no universo das obras literárias trabalhadas em sala de aula os alunos muitas

vezes, põem-se no lugar de fala do personagem, com o qual se identifica e desta forma é criada uma relação identitária que faz com que o leitor sinta uma subversão intrínseca, às situações vividas por ele, absorvendo suas dores, seus anseios, suas alegrias.

Essa representação funciona como um espelho social, que reflete nas leitoras uma necessidade de movimentação em favor de uma mudança social imediata e efetiva. É instantâneo o movimento de repulsa criado a partir da leitura e do levantamento dos questionamentos sobre tal, inclusive para alguns leitores do gênero masculino, apesar dos avanços alcançados pelas mulheres ainda prevalece comportamentalmente o machismo e o sexismo. O levante destas questões por um professor em sala gera uma discussão fervorosa e um posicionamento de opiniões distintas e ávidas por uma medição. As questões levantadas são imediatistas. Ao longo dos anos, as mulheres têm se submetido às mais constrangedoras situações de abuso, de forma que a busca por uma solução é clamada vigorosamente pela classe feminina.

Desde os primórdios da humanidade a mulher vem sendo colocada socialmente como inferior ao homem, classificada como dona do lar, ou submetida a salários inferiores, taxada de incompetente e incapaz, estuprada, abusada, humilhada. Essa construção identitária foi sendo desconstruída através da necessidade feminina de adquirir direitos que antes eram inerentes apenas ao gênero masculino. Movimentos sociais como o feminismo^[1] foram indispensáveis para que essa desconstrução acontecesse.

Junto com o feminismo surgiram termos até então desconhecidos pela sociedade como: empoderamento, lugar de fala e a sororidade feminina, essa, objeto estudado no presente artigo como um fator relevante que se apresenta na relação leitor- personagem com o conto Solfieri apresentado na coletânea de contos de Álvares de Azevedo. A sororidade feminina nada mais é que uma irmandade ou afeto entre mulheres que se assemelha à relação de irmãs, protegendo e dando voz às causas em comum.

Essa empatia entre mulheres vem quebrando qualquer competitividade estrutural designada ao gênero. De acordo com Hooks (2016), a sociedade era alimentada de visões utópicas de uma sororidade baseada unicamente na consciência da realidade de que todas as mulheres estavam, de alguma maneira, vitimadas pela dominação masculina e começaram a ser rompidas por discussões de classe e raça.

Abordar literariamente o conto Solfieri com estudantes mulheres do século XXI juntamente com a sororidade feminina é perceptivelmente encontrada na relação de empatia e proteção que se apresenta entre mulheres, independentemente de qualquer relação de competitividade. Relação solidificada pelo contexto histórico de sofrimento ao qual estas mulheres foram submetidas pelas relações abusivas com o gênero masculino evidenciadas no conto, fato que incomoda as leitoras do mesmo gênero que vivem a realidade abusiva da violência contra a mulher nos seus anseios diários.

Nesse contexto, a sororidade feminina se torna tão poderosa que silencia qualquer posicionamento contrário de uma minoria ainda a favor de atitudes que violem os direitos adquiridos pelo gênero feminino ao longo dos anos. A irmandade inerente ao termo “sororidade” aniquila qualquer tipo de rivalidade fazendo-as unirem-se por uma causa maior, no caso o apoio à jovem indefesa do conto que faz as mulheres que leem a obra se unirem como numa irmandade em função de proteger uma das suas em situação de vulnerabilidade. A mulher, que por séculos esteve vulnerável, e posta no papel de presa fácil para o gênero dominante, agora, comunga da união com outras mulheres para fortalecer suas causas, inclusive, se unindo contra atos de dominação como o estupro.

Desde os primórdios da humanidade a mulher é tida como propriedade do homem, se submetendo apenas, aos desejos e ordens de seus companheiros, podendo trabalhar apenas quando autorizadas ou até mesmo impossibilitadas de sair de casa desacompanhadas, assim sendo, sucumbidas à normatização social de uma sociedade estritamente falocrática. As mulheres que buscaram outro

estilo de vida diferente do estilo padrão, foram tidas como libertinas, da vida ou desviadas. A realidade histórica estava à frente de qualquer direito inerente à dignidade humana. Segundo Beauvoir (2008, p.80):

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão.

Apesar da realidade social feminina ter sido modificada por movimentos sociais ao longo dos anos, a mulher continuava sexualmente escrava do homem, o estupro apesar de ter surgido nos primórdios da humanidade, agora, neste contexto social, se dava como ato de dominação do gênero masculino sobre o feminino e muitas vezes era minimizado quando a culpabilidade era imputada à mulher como crítica ao comportamento, ao status civil, à liberdade alcançada por um gênero visto como “o segundo”, o que vem depois do primeiro, o gênero de subordinação. De acordo com Fonseca (2015), além desse fator negativo, observa-se uma atribuição por parte da sociedade, mesmo que parcial, da culpa da mulher sobre o crime, por questões de comportamentos, vestes, entre outros, que as pessoas atrelam a uma suposta facilidade demonstrada pela própria mulher.

A realidade contemporânea ainda sustenta a atribuição de culpa deste crime à vítima, apesar das conquistas já alcançadas pelo gênero feminino o conservadorismo ainda habita o imaginário da população, o que mantém o crime de estupro como um dos mais temíveis pelo gênero feminino e que ainda reflete consequências, que vão além das físicas e psicológicas. A sororidade feminina atua nessa esfera como quebra de paradigmas. As consequências desta prática se refletem socialmente nas gerações femininas causando transtornos irreparáveis, porém tornaram-se causas da movimentação social em busca de mudanças, nascendo assim, novos aspectos sociais que

“ A partir do feminismo, se constituiu como uma poderosa estratégia para desconstrução da estrutura patriarcal e de desigualdades que foram historicamente estabelecidas na sociedade”. (GREGORI,2017.p 20,)

Mas como criar a partir do estudo da literatura uma cultura antiestupro? Sabemos que as políticas públicas educacionais são de suma importância para a formação de uma sociedade consciente e revolucionária, a educação por si só é uma ferramenta de cunho transformador com potencialidade para promover modificações sociais, a fim de tornar qualitativo o posicionamento social das minorias. De acordo com Carmen Hein

“É por isso que as políticas públicas privilegiam, além das políticas educacionais voltadas a combater a discriminação por sexo, gênero e raça, os serviços de acolhimento às mulheres sexualmente vitimadas, o não julgamento, incluindo o abortamento humanizado decorrente do estupro.” (Campos ,2017, p.14)

Através do estudo literário do conto Solfiere é possível conscientizar os alunos sobre o tema urgente do estupro e desconstruir através da educação uma cultura pautada no machismo com vistas para a falocracia, desconstruindo com base na literatura uma cultura de estupro e transformando-a em uma cultura anti estupro, trazendo para os leitores os incômodos pessoais e sociais causados por esta prática abusiva que transcende a humanidade.

A conscientização social faz-se, também, através da educação mas não somente através dela. O ser humano é dotado do poder de transformação do seu entorno através do conhecimento, inclusive é capaz de modificar uma cultura que tantos males causou ao gênero feminino, como a cultura do estupro. Transcendendo questões estruturais e criando uma cultura libertadora e anti estupro através do conhecimento literário que reflete automaticamente no comportamento social. Segundo Freire (1967), a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor.

Desta forma se torna indispensável uma leitura crítica do conto Solfieri com vistas para a formação de uma cultura antiestupro que cumpra o papel social de proteção às classes menos favorecidas, como a classe feminina, que ao longo dos anos teve que se reinventar através de movimentos sociais para evitar o sofrimento de gerações futuras. Reinvenção esta, que reflete na geração atual de mulheres, dando autonomia, qualidade de vida, melhores condições de trabalho e de dignidade humana, buscando também a finalização de uma prática abusiva de sexualidade fortificada ao longo de gerações pelo preconceito de gênero e subjugação da classe feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma cultura antiestupro para a promoção da paz no mundo pode ser alcançada mediante a leitura crítica das formas de violência contra o corpo da mulher. A literatura oferece o suporte da linguagem e da ficção para expor os constructos presentes no inconsciente coletivo humano elaborados por milênios, desde a Pré-história até a contemporaneidade. Uma educação pela paz

(..) deve ser entendida como uma forma de produção cultural. Ou seja, a formação dos cidadãos deve ser vista como um processo ideológico por meio do qual experimentamos a nós mesmos, ao mesmo tempo em que experimentamos nossas relações com os demais e com o mundo, dentro de um sistema complexo e com frequência contraditório de representações e imagens. (SACRISTAN,2002, p. 148),

A leitura do conto Solfieri, do escritor romântico brasileiro Álvares de Azevedo provocou uma experiência catártica e discussões oportunas sobre a cultura do estupro e suas formas de manifestação, em uma turma da 2ª série do Ensino Médio, de uma escola particular, da cidade de Estância (SE). A partir das impressões trocadas entre o professor, os alunos e as alunas, surgiu a escrita do presente artigo.

Mudar a forma de ensino de Literatura e possibilitar que os jovens encontrem sua leitura de mundo, incorporar as discussões do mundo atual e a luta da mulher para atingir um respeito e dignidade reais. Percebeu-se que muitos alunos e alunas não dão dimensão das formas de violência sexual sutis que levam condutas e conceitos do estupro de corpo da mulher. O professor para provocar as perguntas, relacionar os constructos, relacionar o texto ao contexto em que vivemos, promover as analogias necessárias para entrever as formas sutis da violência contra o corpo feminino.

O Ministério Público do Paraná divulgou em março de 2020 os dados sobre o estupro no Brasil. O 13ª Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em setembro de 2019, registrou recorde da violência sexual. Foram 66 mil vítimas de estupro no Brasil em 2018, maior índice desde que o estudo começou a ser feito em 2007. A maioria das vítimas (53,8%) foram meninas de até 13 anos. Infelizmente, por causa do machismo vigente, ainda minimiza-se a urgência de se criar uma cultura antiestupro na escola.

A leitura do conto Solfieri ajudou desencadeou reflexões importantes e mostrou aos alunos como eles devem repensar o conceito de violência escondido no modelo tóxicos de masculinidade que eles carregam simbolicamente. O conto mostra que mais bela, ideal que seja a figura feminina ela está

sempre submetida ao silenciamento de sua dignidade, livre arbítrio e liberdade.

Ler o conto Solfieri desencadeou reflexões importantes e mostrou aos alunos como eles devem repensar o conceito de violência escondido no modelo tóxicos de masculinidade que eles carregam simbolicamente. O conto mostra que mais bela, ideal que seja a figura feminina ela está sempre submetida ao silenciamento de sua dignidade, livre arbítrio e liberdade.

A leitura e o debate do conto desperta a sororidade entre as alunas e isso quebra séculos de um condicionamento cultural de enxergar na outra uma inimiga em potencial. Ora, desse modo, a leitura do texto romântico sai da forma de ensino tradicional onde o caráter estético ou linguístico era realçado pelos professores. Consequência é natural, o texto humaniza os leitores, desperta a empatia entre eles, dando novo sentido ao texto literário, preso à questões cronológicas, estilísticas.

Ademais, é comum percebermos uma ausência de entendimento dos rapazes diante da condição de violência contra a mulher no conto. A percepção limitada indica que tanto o meio escolar e social deles estão distantes de estabelecer reflexões em torno da violência simbólica ou física que insiste em se manterem torno da figura feminina. Ora, então, a sororidade deve ser estimulada entre as jovens leitoras, como também, a empatia dos jovens rapazes, colocando-se no lugar da figura feminina indefesa diante de Solfieri. O que se deve estender aos rapazes leitores do conto?

Deve-se refletir sobre o fato de ela não ter sido socorrida no momento em que despertou do sono catapiléptico. Solfieri reteve o corpo, retirou-o no cemitério, sem nenhuma culpa ou arrependimento. Por consequência, deve-se propor uma reflexão de que ele se achava dono dela, do seu corpo, de sua genitália. Impossibilitada da auto defesa e submetida ao ato sem consentimento, a jovem é preso no quarto do jovem por horas. Ora, da leitura e interpretação, os jovens leitores podem refletir sobre seu próprio machismo e da violência contida nos atos de assédio na rua, no carnaval, no colégio. Desse modo, infere-se que o texto ajuda a ficcionar, ou seja, a viver sem viver a situação e, por conseguinte, possibilita entender as origens antigas, remotas da posse do corpo de feminino.

Os estudantes e as estudantes levados pela leitura do texto geralmente, censuram os rapazes, com palavras ofensas, gestos obscenos, xingamentos, sempre que o debate sobre o conto toca no machismo. O professor deve tomar cuidado para não criar a ideia de que existe um pacto natural do estupro, ou seja, uma cultura do estupro. Essa expressão é tóxica e gera um pânico coletivo. Daí, defender uma cultura do antiestupro e abolir a existência da expressão da cultura do estupro.

O mundo ganhou uma nova configuração depois da Segunda Guerra Mundial de defesa da vida e dos direitos humanos. A educação pela paz garante o combate contra qualquer forma de violência e, sendo a mulher uma pessoa humana, deve ter garantido a proteção. O Brasil é signatário dos direitos humanos e, por isso mesmo, defende uma educação pela paz. Ora, ela perpassa pelo reconhecimento da cidadania da mulher, pela defesa de sua integridade física, psicológica e espiritual. O texto literário apresenta o poder de reproduzir o real, estimular o aluno à empatia, à sororidade, elementos essenciais à humanização.

O texto literário é um forma de conhecimento sensível da realidade, ou seja, apesar da carga ficcional, ele admite conhecer o mundo no plano político, econômico, social e ideológico. Por isso, contos como o de Alvares de Azevedo, Solfieri, de Noite na Taverna, ajudam na leitura do mundo simbólico que são os valores contido no simbólico cultural, cristalizados por séculos e permanentes nas formas linguísticas e práticas sociais.

O conhecimento dos valores patriarcais e machistas de tantos séculos promovem a possibilidade de uma tomada de consciência. Porém, ela, não surge se não houver um entendimento do professor, da

escola e sociedade para uma educação voltada para a paz, para o respeito à diversidade de gênero, etnia e crenças.

REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 35.

ARISTÓTELES. Arte Poética. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. A poética clássica. São Paulo: Editora Cultrix, 1981, p.19-52.

AZEVEDO, Álvares de. Noite na taverna. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. . In: Educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

_____. Macário. Campinas: IEL/Unicamp, 1982.

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo II: A Experiência Vivida. Lisboa: Quetzal, 2008

BROWNMILLER, Susan. Against Our Will - Men, Women and Rape. First Ballantine Books Edition: Jur, 1993 ,

CAMPOS, Carmen Hein. Cultura do estupro ou cultura antiestupro? Disponível em <https://doi.org/10.1590/2317-6172201738>. Último acesso em 20 julho 20

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro:Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191, Martins, 1971, v.2.

CASTELLO, José Aderald

o. A literatura brasileira: origens e unidade. São Paulo: Edusp, 2004

>

DIOTO, Na

riel. **Aspectos históricos e legais sobre a cultura do estupro**. XI

II Seminário internacional Demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea, 2016.

FON

SECA, Aimê. **A responsabilização da mulher vítima de estupro**.

n style="sans-serif; ">Revista Transgressões Ciências Criminais em Debate. Natal, vol.3. N.1, Maio/ 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GREGOR

I, Juciane. **Feminismos e resistência: Trajetória histórica da luta política**

a para a conquista de direitos. Caderno Espac?

o Feminino - Uberlândia-MG - v. 30, n. 2 – Jul./Dez. 2017

hook, Bell. **Políticas feminist**

as: De onde partimos. Disponível em

e="sans-serif;

"><https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/politicas-feministas-de-onde-partimos-e28093-bell-hook>
Acessado em 09 jul. 2020.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast, 2012.

LIMA, Marina Torres Costa. **O estupro enquanto crime de gênero e suas implicações na prática jurídica**: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Estadual da Paraíba, Campir Grande, 2012.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade**. Caderno Pagu, Campinas, n. 11, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Editora Schwarcz s.a, São Paulo, 2018.

SACRISTÁN, Gimeno. J. Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

^[1] O feminismo é um movimento com objetivo de construir uma sociedade sem hierarquia de gênero — o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão. RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. Editora Schwarcz s.a, São Paulo, 2018.

[1] Graduando do curso de Letras-Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França (SE). E-mail: anjoerei@gmail.com

[1] Graduanda do curso de Letras- Português e suas respectivas literaturas pela Faculdade São Luís de França E-mail: thaisandrady24@gmail.com